ENCONTROS PERFORMATIVOS: ÍNTIMO E COLECTIVO

CHAPITEAU _EVENTO 2009 _BORDÉUS
DOSSIER arq./a

Curadores do encontro:
Cláudia Martinho, Inês Moreira e Marcin Szczelina

Curador geral:
Didier Fiúza Faustino

evento 2009 _Intime Collectif
Evento artístico e urbano da cidade de Bordéus

[Primeira edição]
evento2009.org

INTIMIDADE COLECTIVA: EXPERIÊNCIAS URBANAS

Cláudia Martinho

A noção de intimidade colectiva na cidade evoca experiências partilhadas, práticas urbanas que se relacionam com locais específicos, rituais sociais comuns a grupos de indivíduos. No entanto, este tipo de vivências encontram-se hoje cada vez mais condicionadas, com tendência a desvanecer das nossas vidas quotidianas e do espaço público. Esta situação levanta questões sobre as nossas práticas individuais e a nossa percepção do colectivo, na relação com os outros e com a cidade.
Hoje torna-se necessário desenvolver investigações com acções para formas alternativas de abertura do espaço público a novos modos de partilha social, política e cultural.
Nesta linha, o evento2009 representa um lugar de pensamento crítico, uma experiência colectiva que procura activar o espaço público através da infiltração de situações disfuncionais e encontros inesperados, que poderão questionar as nossas práticas e utilizações do espaço urbano, a nossa relação com os outros no dia-a-dia, as nossas necessidades pessoais partilhadas, abrindo assim novas perspectivas aos actos colectivos.

Kristina Solomoukha. ***Haut-parleur***
© foto Christian Lesemann

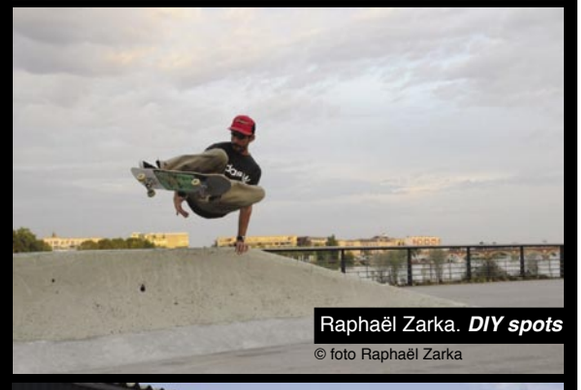
Dominique Gonzalez-Foerster. ***Film d'attraction***
© foto Frédéric Deval

IMERSÃO DA INTIMIDADE COLECTIVA

Marcin Szczelina

A tendência da nossa sociedade vai contra a intimidade; a consciência disso é ainda mais aterradora. Todos os aspectos imagináveis da intimidade são perigosos. Porquê? Somos ensinados que nos trazem todo o tipo de doenças, o roubo de propriedade e identidade, do nosso espaço e tempo. Para além disso somos constantemente lembrados que estamos a ser observados, e a intimidade é suspeita.
O que a torna tão perigosa?
A intimidade é um conforto que relaxa as fronteiras e promove a presença do corpo, e isto não pode ser subestimado. Ao mesmo tempo existem as barreiras, quer se tratem das firewalls da Internet ou dos preservativos, feitos para levar a segurança à intimidade. Finalmente, temos as ferramentas da intimidade colectiva artificial que são possibilitadas através das referidas barreiras. Estas são casulos colectivos partilhados por clãs ou grupos de afinidade – pessoas que apreciam o mesmo tipo de música, moda, religião e fetiches sexuais, pendurando símbolos e marcas, e são precisamente esses espaços que podemos reconhecer como imersivos.
Imersão é um conceito que deriva da perda do próprio eu nos mundos artificiais da percepção. Na relação com a arquitectura, significa perder o próprio eu no espaço e subordiná-lo à ilusão que criou. Segundo o filósofo alemão Peter Sloterdijk, a arquitectura é especialmente apta a ser-se imerso. A arquitectura está envolvida na "criação de uma situação de envolvimento". O filósofo acredita que este envolvimento no micro-ambiente seleccionado pode tornar-se uma terapia no nosso tempo. Poderá esta imersão da intimidade colectiva ser a resposta às necessidades da humanidade contemporânea? Será este novo conceito de espaço uma resposta real às necessidades temporárias do utilizador, marcado pelo carimbo da sua personalidade? Certamente será a forma mais contemporânea de compreender a arquitectura como um espaço de influências, sem fronteiras exactas entre casulos separados.

Diller Scofidio + renfro with Julia Wolfe.
© foto Pierre Antoine ***Traveling music***



Raphaël Zarka. ***DIY spots***
© foto Raphaël Zarka

MUF architecture / art. As if
© foto muf architecture/art

João Onofre, © foto Pierre Antoine
Box Sized Die [Featuring Gorod and Juggernaud]

MAP office, ***TriO.*** © foto Pierre Antoine

MAP office***. La nuit Désenchantée*** © foto Pierre Antoine

Democracia. ***Ne vous laissez pas consoler*** © foto Democracia

Johannes Gees. ***Le jardin des mots perdues.***
© foto Christian Lesemann

evento 2009, Íntimo e Colectivo e o Encontro Performativo

Depois das cidades planeadas do século XIX, das cidades globais do século XX e no despertar das Exposições Mundiais e das capitais da cultura, chegou o momento de fazer nascer um novo tipo de cidade: a cidade mental, íntima. É agora altura de expressar o "íntimo colectivo" tal como só as cidades o permitem albergar. As cidades que pertencem a toda a gente bem como a cada indivíduo. As cidades onde os interesses gerais e privados não entram mais em conflito, para que um património sensível e comum possa ser construído.
Didier Fiúza Faustino

evento 2009 é o nome de um projecto cultural que ocorre no espaço público urbano da cidade de Bordéus onde se apresentam intervenções artísticas, espaciais e performativas articulando a noção de ***"Intime Collectif"***, o conceito proposto pelo artista/arquitecto Didier Fiúza Faustino, curador geral desta nova bienal. Cada peça artística, espaço arquitectónico, evento efémero e experiência sonora comissionada, enuncia a noção de ***"Intime Collectif"***, explorando diferentes dimensões da intimidade e do colectivo no espaço público. A extensa lista de criadores apresentados em 2009 contou com cerca de 50 participantes, dentre os quais: Dennis Adams, Lara Almarcegui, Collectif Berlim, Democracia, Diller Scofidio + Renfro et Julia Wolfe, Johannes Gees, Florian Hecker, Tadashi Kawamata, Seulgi Lee, Nicolas Lelièvre, MA-asso, map office, Nicolas Milhe, Monoquini, Jean-Luc Moulène , muf architecure/ art, Anri Sala, Fernando Sanchez Castillo, Kristina Solomoukha, Laurent Tixador, Oscar Tuazon e Raphaël Zarka. Os projectos criados foram instalados nas praças e ruas da cidade e, durante 10 dias, estiveram envolvidos em diversas itinerâncias por diversos espaços centrais e periféricos de Bordéus, onde interromperam, surpreenderam e interpolaram o público do grande festival urbano. Paralelamente, abriram 3 grandes exposições: ***Luanda Smooth and Rave***, uma exposição de arte contemporânea angolana comissariada por Fernando Alvim no Grand Théâtre; a exposição ***Insiders - practices, customs, know-how***, uma grande instalação/mostra de práticas e projectos de arte e arquitectura experimental implicadas com contextos social, económico e/ou ambiental, uma produção do CAPC musée d´art contemporain + arc en rêve centre d'architecture; e a exposição ***Citations***, um projecto de Amos Gitai, instalado na antiga base submarina alemã.

Mas como co-habitam a intimidade e a colectividade no dia-a-dia? Em que moldes se manifestam? Com o objectivo de contribuir um pouco mais para a desarticulação e recomposição das relações inerentes à expressão ***"Intime Collectif"***, Didier Faustino convidou três arquitectos/curadores - Cláudia Martinho, Inês Moreira e Marcin Szczelina – para desenvolver um projecto de pesquisa e provocar a discussão. As suas pesquisas propõem três leituras distintas dos sentidos de ***"Intime Collectif"***. Cláudia Martinho aborda a dimensão política e social da intimidade colectiva questionando experiências colectivas e a partilha de percepções íntimas, como meio de (re)apropriação do espaço público. Inês Moreira questiona se a "intimidade colectiva" pode ser claramente definida, colocando-a como uma condição efémera e um momento relacional não previsível, que ocorre para além dos "colectivos" declaradamente "íntimos". A abordagem de Marcin Szczeli na sugere que as noções de imersão individual no espaço e a percepção corpórea de intimidade colectiva representam formas de compreender uma arquitectura de influências, sem fronteiras precisas. A investigação sobre ***"Intime Collectif"*** levou à criação de conteúdos do blog evento2009.org onde os processos de produção dos artistas, um léxico colectivo construído com participações texto/imagem de diversos convidados (Maurizio Bortolotti, Doreen Mende, Paolo Plotegher, Felix Vogel, Mirosław Bałka, Deadline Architect, Krzysztof Nawratek e Kobberling und Kaltwasser) que foram alimentando o período de produção. Oferecendo estas três propostas para debate público, foi organizado o "Encontro Performativo: Íntimo e Colectivo", concebido como um momento de troca onde se procurou desdobrar e expandir o conceito central do evento, provocando percepções múltiplas sobre as ideias envolvidas. Um conjunto diverso e representativo de artistas foi convidado a participar (Dennis Adams, Lara Almarcegui, Democracia, Johannes Gees, MAP Office, muf architecture/art, Laurent Tixador) e a discutir com teóricos, críticos e comissários especialmente convidados a apresentar conceitos e ideias que permitiram expandir a discussão das três orientações propostas. Participaram Maurizio Bortolotti, Peter Cook, Joseph Grima, Sam Jacob / FAT, Doreen Mende, Paolo Plotegher, Anne Querrien, Mårten Spångberg / International Festival, Juri Steiner, Pelin Tan, Felix Vogel e Henry Urbach. O encontro público teve lugar no chapiteau evento no dia 10 de Outubro 2009, a grande tenda onde três ecrãs, uma assistência informal, um VJ e uma estação de rádio local foram estimulados para reunir e performativamente expandir a noção de ***"Intime Collectif"***.

PARA EVENTO 2009 _BORDEAUX

encontro com Cláudia Martinho _14.00h
Lara Almarcegui, muf architecture/art, Pelin Tan + Anne Querrien, Maurizio Bortolotti e Juri Steiner

encontro com Inês Moreira _16.00h
Doreen Mende, MAP Office, Democracia, Mårten Spångberg / International Festival, Paolo Plotegher + Dennis Adams e Maurizio Bortolotti

encontro com Marcin Szczelina _18.00h
Laurent Tixador, Johannes Gees, Peter Cook, Sam Jacob / FAT + Henry Urbach, Felix Vogel e Joseph Grima

14.00h

Cláudia Martinho abriu a sessão propondo um primeiro debate sobre a dimensão política e social da noção de Intimidade Colectiva, questionando as acções e experiências colectivas como forma de (re)apropriação do espaço público. Para esta discussão, convidou a artista Lara Almarcegui e o colectivo muf architecture/art a apresentar os seus projectos para o evento. A socióloga Pelin Tan veio confrontar e expandir esta dimensão política e social da noção de Intimidade Colectiva no espaço publico com um dos seus casos de estudo. Neste encontro estavam também presentes Anne Querrien (socióloga urbanista), Maurizio Bortolotti (curador) e Juri Steiner (curador), que vieram intervir com comentários e iniciar o debate. A discussão centrou-se em volta da ocupação e apropriação de terrenos vazios ou abandonados, os limites de espaços individuais no colectivo, as diferentes noções de espaço público em diversas cidades, o significado de comunidade urbana...

© foto Christian Lesemann

Lara Almarcegui apresentou o seu projecto *Open terrains (fences removed)*, com o qual defende o direito colectivo de entrar e usar os *terrains vagues* como domínio público. O projecto procura remover as vedações destes terrenos vazios, abrindo-os ao acesso dos habitantes e ampliando assim o espaço público. Em Bordeaux, concentrou a sua acção sobre um pequeno terreno situado na Rue Flèche, uma zona de habitação. Conseguiu um alvará que lhe permitiu resgatar temporariamente esta propriedade fechada, suprimir as suas barreiras, tornando-o em espaço público e abrindo o seu acesso à vizinhança. Com esta acção, procura gerar discussões sobre os terrenos vazios, a sua evolução urbana, pondo em evidência a noção de "apropriação para além da propriedade". O seu objectivo é proteger os *terrains vagues* da especulação e da racionalização excessiva das construções, que estes sejam classificados e preservados pelo seu potencial para além da arquitectura, sem programa, pelas suas qualidades naturais, como espaços de liberdade. Lara Almarcegui concluiu com um terreno vazio que abriu há alguns anos em Saragoça, e que é hoje protegido e preservado pelo município.

muf architecture/art realizou uma acção e investigação sobre a ideia de valor colectivo de lugares indeterminados na cidade. Procurou explorar e tentou quantificar esse valor face aos espaços mais formais e cívicos de Bordeaux. A sua premissa é que a perda de intenção e função inicial dos espaços marginalizados e não regenerados tem um verdadeiro valor, pois estes são lugares onde as nossas relações sociais não estão predeterminadas nem condicionadas por uma organização formal. Assim, quando nos encontramos nestes espaços, continuamos a renegociar os nossos relacionamentos com os outros e com o lugar. Esses são os verdadeiros espaços de vida da democracia. O colectivo muf explorou e realizou workshops com crianças no terreno de um caminho-de-ferro abandonado, situado do outro lado do rio Garonne, na periferia de Bordeaux. As crianças orientaram o colectivo na exploração de áreas de jogo marginalizadas e na activação destes espaços vazios com jogos de recolha de objectos encontrados e desvio dos seus usos habituais para a criação de estruturas efémeras. A sua abordagem inverte a perspectiva dos designers na relação ao espaço vazio e não é dependente dos aspectos funcionais da cidade. O ponto de vista lúdico e corporalmente interactivo das crianças transgride as noções de zonamento e definições urbanísticas pelas quais os adultos se regem. Este projecto com crianças levou à invenção de novas relações com os terrenos abandonados, permitindo trabalhar numa perspectiva activa e propositiva com as comunidades locais (por extensão aos familiares das crianças, à escola) para renovar as ideias dos habitantes sobre o espaço público.

Pelin Tan focalisa a sua apresentação em torno de dois conceitos - hospitalidade e conflito - que se referem ao que esta ideia de intimidade colectiva poderá ser em relação as suas investigações de comunidades em Istambul. As comunidades em Istambul ocupam naturalmente o espaço exterior como uma extensão das suas relações e actividades na rua, passando pelo estar simplesmente sentado à porta de casa. Este intercâmbio social constante faz parte da vida quotidiana de Istambul. A vida é comunitária e conflituosa, as tensões gerem-se no espaço exterior. Neste sentido, a visão ocidental de espaço público não existe em Istambul. Não existem praças ou jardins pré-condicionados com função de espaço público, o espaço exterior é uma extensão das relações colectivas entre as comunidades.

Anne Querrien vê na noção de intimidade colectiva uma condição que pode ser usada como um conceito crítico fundamental nas cidades de hoje. Será este um novo regime do espaço público? Relaciona esta questão com o facto de que a cidade contemporânea se está a transformar rapidamente num espaço liso e funcional determinado por arquitectos e urbanistas, no qual os indivíduos se encontram cada vez mais isolados. O espaço social está a tornar-se assim cada vez mais reduzido a esferas individualizadas. A ideia de "indivíduo dentro do colectivo" encontra-se verdadeiramente acentuada pelo desenho urbano e formalizada pela arquitectura, promovendo individualizações e esferas de intimidade pessoal em público, no sentido do individualismo egoísta e separativo. Neste sentido, *evento* é uma nova experiência urbana que explora modos como poderemos inverter essa condição, e que procura dirigir a atenção para lugares que se encontram esquecidos e descentrados. Nos projectos realizados para o *evento*, os artistas tiveram a oportunidade de repensar o espaço individual e propor novos espaços relacionais aos habitantes de Bordeaux.

Juri Steiner leva a discussão para um aspecto mais geral da sua visão das acções do *evento* e as implicações dos projectos dos artistas em torno da ideia de intimidade colectiva. Num sentido geral, os artistas tiveram uma *carte blanche* ao nível geográfico, o que lhes permitiu uma intervenção multi-local e multi-temporal, definindo novas cartografias sobrepostas à planta urbana da cidade de Bordeaux. Será importante verificar se esta foi uma experiência relevante para os artistas e se e de que modo poderá ter afectado ou influenciado a vida dos habitantes.

Maurizio Bortolotti questiona a ideia de valor e de propriedade, nas acções e investigações de Lara Almarcegui, de muf architecture/art e de Pelin Tan: porque são importantes estes espaços e para quê? Afirma que essas abordagens de espaços livres e vazios são opostas às dos arquitectos e dos promotores imobiliários. O espaço é visto aqui como um direito do cidadão e como um resultado construído pelas relações humanas. Os artistas discutem e concordam que há um enorme valor na criação de lugar a partir do abandono e das relações sociais. Um convite é feito ao público que assiste para ir explorar estes lugares, ou outros que tenham identificado antes.Para uma possível extensão desta discussão aos habitantes de Bordeaux, Cláudia Martinho convida as pessoas da plateia para contribuir com suas experiências e opiniões sobre os projectos do evento através do site http://evento2009.org.

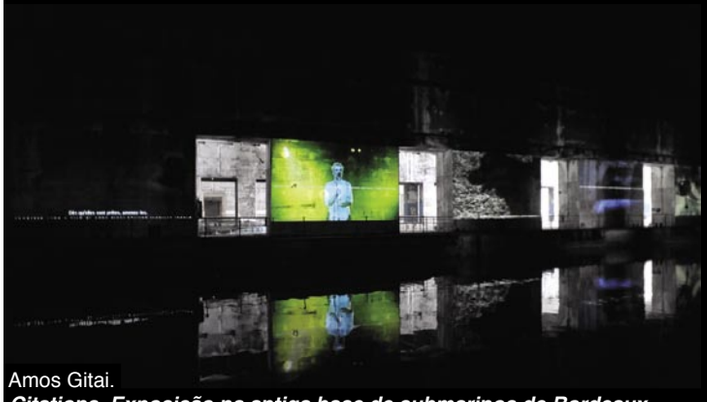
16:00

Inês Moreira questiona se Intimidade Colectiva pode ser claramente definida, propondo uma condição efémera e um momento relacional imprevisível, que ocorre para além dos "colectivos íntimos" declarados. Esta mesa foi projectada combinando noções de evento, de participação, e de intimidade colectiva experienciada em si e com o público, como uma instância pontual que não propõe a transformação de um projecto, mas só pode existir na auto-percepção, na relação e na duração do acontecimento.
Doreen Mende abriu o encontro como um acontecimento gerado pelo texto e palavra, invertendo a relação unidireccional leitor-ouvinte e introduzindo percepções do público. Ao desconstruir a noção de evento através da transmissão de um texto escrito à audiência - onde experiências individuais e da colectividade se relacionam - concretizou uma série de relações implícitas na sua interpretação da Intimidade Colectiva. Exposição, ou o que é apresentado, e inibição, ou o que está a ser reprimido, foram conceitos articulados criando um espaço ficcional e pessoal, explorado num momento singular através da palavra escrita. Os intervenientes - nós, os especialistas sentados à mesa, e os artistas que publicamente expressam ideias a um público passivo – tornaram-se observadores do público que passava, percorrendo os percursos do *chapiteau* de, e para, a cidade de Bordéus. Painel / público alocaram um momento colectivo de intimidade. Ao mesmo tempo, "o espaço frontal, os bastidores e a vida reúnem-se".

Democracia apresentou o projecto *Ne vous laissez pas consoler*. Explorando a arena do jogo de futebol, ou o lugar da festa, como espaço e dinâmica de um evento público popular, *desviaram* a parafernália visual dos *Girondins*, a equipa de Bordéus, e trabalharam com o colectivo Ultramarins (Ultras). Colaboraram com os *hooligans* tornando-os *performers* no despoletar do espectáculo futebolístico. O projecto introduz conteúdos ideológicos fortes em peças visuais, usando o jogo como aparato comunicacional que perturba posições políticas. *La vérité est toujours révolutionnaire. La douleur est la noblesse unique. Les idoles n´existent pas*. Estas são algumas das frases operadas por Democracia / Ultras, partilhando em bandeiras, faixas ou cachecóis declarações que questionam o papel do observador participante na arte e no jogo de futebol. Democracia engenhou um desvio dos eventos futebolísticos, como uma crítica do jogo ou da alienação do público.
Map Office explorou a natureza efémera do fogo-de-artifício e noções de memória colectiva em 3 projectos. Partindo da cultura popular chinesa onde o fogo-de-artifício, os rituais de queima e os movimentos colectivos – procissões / danças - designam espaços-evento simbólicos, exploram nos seus projectos uma interacção entre espectáculo e mensagens subversivas introduzidas pela palavra escrita. A incineração nocturna de um Ferrari vermelho em Hong Kong filia-se na literatura de Ballard e na crítica da burguesia; um 2º projecto enuncia o comércio negreiro e a riqueza colonial de Bordéus através de frases escritas em fogo, nos jardins da *Prairie*; TriO desconstrói o evento tradicional de fogo-de-artifício ocidental, propondo rodas horizontais que giram, deslocando um espectáculo vertical ascendente para um movimento em profundidade no espaço. A visualidade é explorada como dimensão simbólica do colectivo: a palavra é transformada em fumo pelo fogo.
Mårten Spångberg expandiu "intimidade colectiva" através de uma singular apresentação performativa: numa interpolação *"stand up"* ao público do *chapiteau*, apresentou noções como afecto, emergência e evento, formulando uma discussão das ideias capitalistas que sobre-projectam e sobre-determinam o espaço público. Questionou a ideia de "sucesso pessoal", trazendo-nos alguns pares de figuras dicotómicas "mal sucedidas": um homem abraça uma freira na rua; os sonhos e aspirações de ascensão e descensão nos desejos dis super-heróis masculinos, ou na sugestão de sexo em grupo como forma de derrubar a dominância individual. Actos simples e privados, como beijar, tocar e aproximar, podem gerar momentos de intimidade e partilha, sem capitalização, abdicando do individual e propondo a satisfação do colectivo, para bem da organização. Respirou-se afectividade e afecto: corpo, acção e proximidade ocorreram como um acontecimento colectivo, ou um evento de intimidade no centro de Bordéus.
Paolo Plotegher apresentou a colectividade de mulheres activistas bolivianas *Mujeres Creando* e o conceito crítico *auto-dispersão*. Passando de colectivo para *self*, o "eu", enuncia a intimidade através de dispersões interrompidas de deriva pelo espaço urbano. Auto-dispersão é uma formulação da relação observador-público, invertendo o sentido de pertença a uma colectividade pela intervenção crítica, elaborada a partir das noções de Debord de situação, deriva ou desvio. Articulando arte e vida, uma vaga noção de deriva psicogeográfica, e alguns projectos artísticos vagueantes que incorporam momentos de deriva, e elementos diversos encontrados na experiencia de vaguear, apresentou-nos um pequeno léxico como meio para articular o potencial invisível do programa cultural mais alargado do evento.
Dennis Adams provocou uma reactiva síntese às 5 apresentações. Refutou a pertinência das referências à filosofia Francesa e da ideia de evento como cenário colectivo temporário, afirmando a (in)capacidade da linguagem criar relações. Adams recusou o trabalho com entidades colectivas, com elementos efémeros, ou com a produção de linguagem, defendendo o papel do artista como um "estranho exótico" no espaço público, sem uma relação com questões políticas ou sociais e sugerindo que o artista pode gerar estranheza como em *Spill*, o seu trabalho para o evento. A resposta de Mauricio Bortolotti reintroduziu a noção de "comunidade", conceito articulado na primeira mesa redonda, e gravitou em redor da noção de efémero, abrindo duas direcções diferentes: Como definir a natureza efémera destes projectos? De que formas é que eles podem transformar a cidade e a envolvente construída?
Doreen Mende respondeu referindo a utilização da linguagem como evento com sentido, e a comunicação e participação pública como momento transformativo na relação com a colectividade e a subjectividade, explicando de que forma as porosidades das relações na linguagem, os interlocutores, o espaço e o momento, definem o evento. **Mårten Spångberg** elaborou sobre noções Deleuzianas de *événement* e emergência para explicar a experiência transformativa de *fazer parte*, a duração e a presença corporal requeridas para abrir algo em nós mesmos como colectivo. Fazendo divergir a noção de evento daquelas de sucesso e determinação, e também contra a noção de uma projecção do futuro porvir, Mårten definiu evento e "intimidade colectiva" como algo que acontece sem benefícios directos para os envolvidos, como no seu modelo de sexo em grupo.
O debate levou a interrupções e continuidades com a cidade e os transeuntes, um telefone indiscreto tocou, centenas de pessoas continuaram a passar pelo *chapiteau*, e de alguma forma um beijo breve foi disseminado, gastando afectos e energia. Não foram criados benefícios dali.

© foto Pierre Antoine

Nicolas Leliévre,
Aux Plaisirs.
© foto Nicolas Lelièvre.



Amos Gitai.
Citations. Exposição na antiga base de submarinos de Bordeaux
© foto Frédéric Deval

Insiders - practices, customs, know-how.
Exposição colateral no arc en rêve centre d'architecture + CAPC musée d'art contemporain.
© foto Mairie Bordeaux

Luanda Smooth and Rave.
Exposição colateral no Grand Théâtre – Opéra National de Bordeaux.
© foto Lysiane Gauthier

INTIMIDADE COLECTIVA?

Inês Moreira

Íntimo = imaginário? Colectivo = comum?
Íntimo = privado? Colectivo = público?
Íntimo = pessoal? Colectivo = social?
Íntimo = corpóreo? Colectivo = mútuo?

A intimidade colectiva é uma condição em transformação. Expressa-se na confluência partilhada do contexto social, político e pessoal. É processual e sempre em transformação. Difere radicalmente de envolvência declarada ou de alianças estabelecidas. Não é um colectivo íntimo. A intimidade colectiva é o campo momentâneo de aspirações partilhadas por mais do que um. É uma união a descoberto, com os atritos da diferença e a felicidade conjuntiva. É o espaço incompleto de promessa, de esperanças e de expectativa. Mas, a intimidade colectiva não é um espaço neutro de convívio. A intimidade colectiva é o fundamento transitório de crenças compartilhadas, experiências e entendimentos, que reúnem pessoas em discurso e acção. É um espaço discursivo de ideias e conceitos e representa a proximidade física da colectividade. A intimidade colectiva não é definível, apreensível ou visível como uma forma ou um tipo. É uma modalidade que se actualiza em instâncias, tal como o jogo da cama do gato: não há vencedores, somente participantes empenhados em jogar um longo jogo, que não deixando de ser altamente complexo, é analógico, tecnologicamente simples e ainda assim interessante.

LÉXICO*

faz-tu-mesmo
voltar a casa
guardador de segredos
longe da vista
permutabilidade
desejos individuais
utopias quotidianas
vida colectiva
memórias porvir
lugares
clandestinos e íntimos
exibição e inibição
assentamento imediato
nossa_ cidade
egoísta
destruir / construir
auto-dispersão/dramatização
actores
activadores
público activado
viveur
colectivismo
não-colectivismo
intimidade como suspeito
mostrar e ver
intimidade
colectiva
condição em transformação
jogo-da-cama-do-gato
imersão do íntimo colectivo
casulos colectivos
fluidez do espaço
público

Tadashi Kawamata, ***Footh Walk***
© foto Pierre Antoine

Muf architecture/art, As if. + Tadashi Kawamata.
© foto Lysiane Gauthier

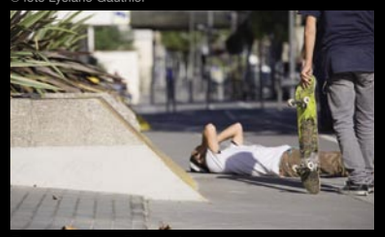
Tadashi Kawamata. ***Footh Walk***
© foto Christian Lesemann

Lara Almarcegui, ***Open Terrains (fences removed)***
© foto Pierre Antoine

Olivier Peyricot. ***Auto érosion.***
© foto Lysiane Gauthier

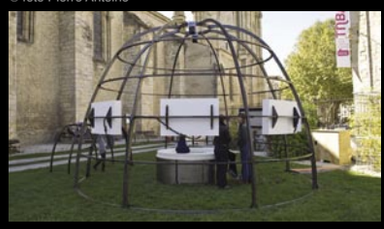
Pedro Barateiro. ***Plateia.***
© foto Christian Lesemann

Anri Sala, ***Em colaboração com Olivier Goinard***
© foto Pierre Antoine



Raphaël Zarka. *DIY spots*
© foto Christian Lesemann

Nicolas Milhé, ***Respublica***
© foto Christian Lesemann



Collectif Berlin, ***Moscou et Iqaluit***
© foto Pierre Antoine

Florian Hecker, ***Auditory objects***
© foto Pierre Antoine

Democracia, ***Ne vous laissez pas consoler***
© foto Pierre Antoine

Seulgi Lee, ***Ido***
© foto Christian Lesemann

Fernando Sanchez Castillo, ***Barricade***
© foto Pierre Antoine

Dennis Adams, ***Spill***
© foto Dennis Adams

ma asso***, derive***
© foto Pierre Antoine

Laurent Tixador, ***au but de huit jours***
© foto Laurent Tixador

Jean Luc-Moulène, *Personne*
© foto Pierre Antoine

*com base nos textos dos convidados [ver catálogo e www.evento2009.org]

Nicolas Milhé. Respublica

© foto Christian Lesemann

Dossier sobre o processo de pesquisa dos **Encontros Performativos: Íntimo e Colectivo**
Realizado em Bordéus, Outubro 2009 para **Geração Z da Revista Arq./a** [Nov/Dez 09]
Edição: **Inês Moreira** Redacção: **Inês Moreira e Cláudia Martinho**
Site: **www.evento2009.org** Design: **Carla Ferreira**
Tradução pt: **Sara Moreira** [Nucleo de Jornalismo Académico do Porto / JUP]
Créditos fotográficos: **artistas, Christian Lesemann, Pierre Antoine, Frédéric Deval, Lysiane Gauthier**
Agradecemos: **Didier Fiuza Faustino, Mairie de Bordeaux, Revista arq./a e a todos os participantes no evento 2009**

Dennis Adams (New York, USA)
Lara Almarcegui (Rotterdam, NL)
Fernando Alvim (Luanda, ANG)
Bamba (Luanda, ANG)
Dulce Baptista (Luanda, ANG)
Pedro Barateiro (Lisboa, PT)
Collectif Berlin (Antwerpen, BE)
Maurizio Bortolotti (Milano, IT)
Fabienne Brugère (Bordeaux, FR)
Rogério de Carvalho (Luanda, ANG)
Peter Cook (London, UK)
Democracia (Madrid, ES)
Diller Scofidio + Renfro e Julia Wolfe (New York, USA)
Paulo Flores (Luanda, ANG)
Vânia Gala (Luanda, ANG)
Johannes Gees (Zürich, CH)
Amos Gitai (Paris, FR)
Dominique Gonzalez-Foerster (Paris, FR)
Joseph Grima (New York, USA)
Florian Hecker (Wien, AT)
John Hopkins (London, UK)
Célia Houdart (Paris, FR)
Ihosvanny (Luanda, ANG)
International Festival (Stockholm, SE)
Sam Jacob (London, UK)
Paulo Kapela (Luanda, ANG)
Tadashi Kawamata (Paris, FR)
Kiluanji Kia Henda (Luanda, ANG)
Branislav Kropilak (Bratislava, SK)
Mathieu Larnaudie (Paris, FR)
Guillaume Le Blanc (Bordeaux, FR)
Hervé Le Corre (Bordeaux, FR)
Seulgi Lee (Paris, FR)
Nicolas Lelièvre (Rennes, FR)
Carlos Lourenço (Luanda, ANG)
Luomo with Raz Ohara (Berlin, DE)
MA asso (Bordeaux, FR)
MAP office (Hong Kong, CN)
Nicolas Milhé (Paris, FR)
Doreen Mende (Karlsruhe, DE)
Meirinho Mendes (Luanda, ANG)
Xilala Moco (Luanda, ANG)
Monoquini (Bordeaux, FR)
Nastio Mosquito (Luanda, ANG)
Jean-Luc Moulène (Paris, FR)
muf architecture/art (London, UK)
N'Dilo Mutima (Luanda, ANG)
Next (Luanda, ANG)
João Onofre (Lisboa, PT)
Jorge Palma (Luanda, ANG)
Pocas Pascoal (Luanda, ANG)
Peaches (Berlin, DE)
Olivier Peyricot (Paris, FR)
Plaid (London, UK)
Paolo Plotegher (London, UK)
Quayola (London, UK)
Anne Querrien (Paris, FR)
Dominique Rabaté (Bordeaux, FR)
Olivier Razac (Agen, FR)
Jean Rolin (Paris, FR)
Jacques Roubaud (Paris, FR)
Sébastien Roux (Paris, FR)
David et Lionnel Ruffel (Paris, FR)
Kwamé Ryan (Bordeaux, FR)
Anri Sala (Berlin, DE)
Nicolas Milhé. Respublica
Fernando Sanchez Castillo (Madrid, ES)
Nguxi dos Santos (Luanda, ANG)
Orlando Sergio / Paulo Azevedo (Luanda, ANG)
Dani Siciliano (Paris, FR)
Marita Silva (Luanda, ANG)
Philippe Simay (Paris, FR)
Iain Sinclair (London, UK)
Kristina Solomoukha (Paris, FR)
Juri Steiner (Zurich, CH)
Pelin Tan (Instambul, TK)
Tetine (London, UK)
Laurent Tixador (Nantes, FR)
Tom Trapp (New York, USA)
Éric Troussicot (Bordeaux, FR)
Oscar Tuazon (Paris, FR)
Henry Urbach (San Francisco, USA)
José Octávio van Dunem (Luanda, ANG)
Philippe Vasset (Paris, FR)
Dominique Viart (Paris, FR)
Luandino Vieira (Luanda, ANG)
Meneco Vieiras Dias (Luanda, ANG)
Felix Vogel (Berlin, DE)
Yonamin (Luanda, ANG)
Raphaël Zarka (Paris, FR)
E outros

Curadores / colaboradores

Cláudia Martinho Arquitecta e investigadora. Explora relações entre arquitectura, o som e modos de (re)apropriação do espaço público. Baseada em Paris, colabora com o Bureau des Mésarchitectures desde 2000. http://www.mesarchitecture.org

Inês Moreira Arquitecta, investigadora e curadora. Explora interligações entre arquitectura, arte e eventos culturais experimentais. Baseada no Porto e investigadora no Goldsmiths College, London University. www.petitcabanon.org

Marcin Szczelina Curador e crítico de arquitectura, coopera com o Museu de Arquitectura de Wrocław, Polónia, onde criou e gere o projecto ex-architects. Foi assistente de Aaron Betsky na 11th Bienal de Arquitectura de Veneza.